

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESTÉTICA:
ARTE E AS PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS**

DENISE CORRÊA LOCATELLI

**EDUCAÇÃO ESTÉTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
ARTES**

CRICIÚMA, JANEIRO DE 2011

DENISE CORRÊA LOCATELLI

**EDUCAÇÃO ESTÉTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE
ARTES**

Monografia apresentada à Diretoria de Pós-Graduação da Universidade do Extremo Sul Catarinense- UNESC, para a obtenção do título de especialista em Educação Estética: Arte E As Perspectivas Contemporâneas.

Orientador: Prof. MSc. Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA, JANEIRO DE 2011

Agradeço a você Aurélia, amiga e companheira por mais esta caminhada. Mais uma vez você está colaborando para a concretização deste feito em minha vida.

AGRADECIMENTO

Mais uma de muitas conquistas, mais uma parte de meus sonhos se concretizando. À meu *Pai*, que lá do céu me deu forças e me abençoou sempre, obrigada. Realizo o seu e o meu desejo. À minha *Família*, ao meu Marido, Amigos, aos meus Professores e funcionários que me deram forças, foram verdadeiros multiplicadores de suas paixões... a pesquisa. Muito Grata!

**“A Arte para mim é a explosão
Dos seres contidos, doloridos,
Em grandes quantidades
Num parto colorido.”**

Eli Heil

RESUMO

A pesquisa que deu forma a essa monografia foi construída a partir de inquietações acerca da proposta de formação de professores de artes, que ocorre no município de Criciúma - SC em culminância com as experiências estéticas vividas por professoras de artes durante os encontros mensais nessas formações. Tomou-se para o diálogo teórico concepções de Educação Estética, de Cultura e de Arte assim como visões sobre as linguagens artísticas na escola, buscando discutir, analisar e compreender as ampliações do olhar estético/crítico do professor de arte a partir dessas relações. Traz-se para a discussão Duarte Jr, Pessi, Ostetto & Leite, que dialogam acerca da importância da formação estético/crítico de professores e alunos e tratam da importância de se vivenciar as experiências cotidianas. As análises trazem o eco das muitas vozes encontradas no caminho percorrido sem a pretensão de responder monologicamente a questão central da pesquisa, mas sim fazer emergir interpretações a partir dos e em diálogo com os dados recolhidos. A partir das falas pode-se constatar a ampliação estético/crítica das professoras em formação, as quais mudaram suas visões, e perceberam a importância da troca de experiências nas relações profissionais de educação.

Palavras-chave: Formação de Professor; Educação Estética; Cultura; Arte.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PMC – Prefeitura Municipal de Criciúma

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

UNESC – Universidade do Extremo Sul Catarinense

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

Art. – Artigo

Séc. – Século

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROFESSOR DE ARTES E SUA FORMAÇÃO	11
3 EDUCAÇÃO ESTÉTICA	14
3.1 ESCOLA E ARTE	17
5 LINGUAGENS DA ARTE.....	23
6 METODOLOGIA	27
7 ANÁLISE DOS DADOS	29
8 CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS.....	36
REFERÊNCIA COMPLEMENTARES.....	38

1 INTRODUÇÃO

Venho dialogando acerca de um tema que penso ser importante para o desenvolvimento crítico/integral do sujeito/professor: a Educação Estética.

Com isso, comecei a me questionar sobre as possibilidades de contemplar a relação presente na formação de professores de arte e as experiências estéticas vivenciadas por eles, em consonância com a análise bibliográfica buscando identificar a importância desta relação para uma formação crítico/estético do sujeito-professor.

Para me fundamentar nesta pesquisa, procuro dialogar com autores que trazem à tona as relações entre a arte, estética e a educação; Barbosa (2003) e Fusari & Ferraz (1993) pelo trabalho efetivo na valorização da arte e da educação. Pessi (2003) e Duarte Jr. (2002), que reverenciam a educação estética como importante na formação do sujeito-professor, que acreditam numa educação estética impulsionada pelo que é intensivamente vivido e tantos outros que nos fundamentam nesta busca em compreender as ligações existentes entre as experiências vividas pelos professores e sua formação estético/crítica.

Sabendo desta importância que o sentido estético tem na constituição do sujeito-homem, a estética torna-se caminho entre os valores e sua cultura, sendo que amplia seu olhar estético/crítico, podendo se desenvolver como pessoa/profissional.

Encontramo-nos num mundo repleto de informações, estas chegam a nós há todos os instantes, em casa, na rua, na escola, no shopping e por infinitos meios, Tv, Internet, Outdoor, revistas, jornais...

Construímos o mundo e somos construídos por ele, apesar das mentes condicionadas resistirem a esse ponto de vista que sai do conforto de um mundo pronto e acabado para uma invenção constante de si e do mundo.

Não podemos tapar os olhos, fingir que não é conosco,... As aulas de Artes, bem como a formação dos professores ali incluídos devem estar preparadas (ou em processo de formação), para poder entender os inúmeros apelos estéticos constituídos nas imagens que nos circundam.

Nesse contexto, é importante pensar acerca das reflexões que o professor, enquanto mediador e propositor no processo de ensino/aprendizagem da arte busca desenvolver com seus alunos.

Sendo assim, é importante pensar no papel do professor de Artes em sala de aula como um propositor que visa, sobretudo, estimular nos alunos uma compreensão crítica, que além de provocar o estudo acerca da cultura visual, estimule o diálogo em questionamentos não superficiais e descontextualizados. Sabe-se que o ensino da arte busca acima de tudo, estabelecer relações e (re) significações para os alunos e também ao professor, para a formação e desenvolvimento integral de ambas as partes, a fim de estabelecer um processo permanente de aprendizado.

Pensando nessa ampliação do olhar é que me propus a investigar através de referências bibliográficas e pesquisa de campo as contribuições trazidas pelas experiências estéticas vivenciadas pelo professor na sua formação de sujeito crítico-estético. Analisando as teorias que apontam serem importantes as experiências estéticas vivenciadas pelos professores para uma melhor formação.

No primeiro capítulo dialogo sobre o Professor de Artes e sua formação, trazendo as leis que orientam e conduzem a formação do Professor de Artes.

Já o segundo capítulo, vem dar suporte no que diz respeito à Educação Estética do professor em formação. Na ampliação do olhar deste que encontra-se em constante busca pelo saber.

O terceiro capítulo convida a uma passagem pela cultura e sua arte, pelos lugares e pessoas apreciadoras e acima de tudo produtoras de cultura.

No quarto capítulo passeia-se pelas diversas linguagens, as quais norteiam caminhos para um expressivo entendimento das diversas possibilidades de contemplar a arte.

No quinto e sexto capítulo, a metodologia da forma à pesquisa, confrontando dados para uma análise, dando resposta e muitas vezes, deixando mais dúvidas, pois inúmeras são as inquietações trazidas na análise da pesquisa.

Finalizo com as considerações finais, a qual nos dá um panorama breve da análise, onde é clara a necessidade da parada para a compreensão do caminho trilhado pela pesquisa e sua finalização.

2 PROFESSOR DE ARTES E SUA FORMAÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, tem acontecido um intenso debate sobre a formação de professores, isto, por conta da publicação da nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1996) e a incansável batalha dos arte-educadores na busca da valorização da área da arte como área de conhecimento. Em seu artigo 26 parágrafo 2º a nova LDB traz, “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”. Sabe-se que o professor, como um cidadão de direitos, é responsável, na escola, por fazer cumprir a lei. Desta forma precisa estar em constante estudo e atualização para poder dar conta de “promover o desenvolvimento cultural dos alunos”, mas aqui reflito: como isso acontece? Será que com estas intensas jornadas de trabalho, o professor de arte está conseguindo cumprir a lei? O que ele, o professor, precisa para isso?

Em seu artigo 62, a Lei salienta a necessidade de professores qualificados para a atuação, a fim de haver uma melhor qualidade de ensino “a formação docente para atuar na Educação Básica far-se-á em nível superior, em curso superior, em curso de licenciatura” (LDB, 9.394/96 art. 62).

Reforçando a Lei de Diretrizes e Bases, os profissionais da área da arte contam com as Diretrizes Curriculares Nacionais que orientam e regem as normas para a primeira formação.

Em seu artigo 3º (DCNs, 2009):

O curso de graduação em Artes Visuais deve ensejar, como perfil do formando, capacitação para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, visando ao desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual, de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais, revelando habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais.

Assim sendo, o profissional que conclui sua formação Universitária, estará apto às necessidades exigidas pela Lei, mesmo assim, deve seguir fazendo sua formação continuada em cursos. A formação superior também busca desenvolver

algumas competências e habilidades como nos mostra o Artigo 4º inciso I (DCNs, 2009) – “interagir com as manifestações culturais da sociedade na qual se situa, demonstrando sensibilidade e excelência na criação, transmissão e recepção do fenômeno visual”, E ainda em seu inciso V nos mostra a necessidade de um profissional engajado com suas potencialidades artísticas e ainda com sua lapidação sensível/estética “estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais” (Artigo 4º inciso V, DCNs, 2009).

Como se vê, a Lei exige um profissional habilitado, que dê conta das exigências do mundo atual, que desenvolva primeiramente nela um espírito inquietante, de busca por novas experiências, a fim de fazer com que sua formação motive, mobilize e incentive o prazer em suas aulas. Sendo assim o artigo 43 inciso II, vem incentivar através do estado e suas ações acerca da constante formação do professor, pois “formar diplomados nas diferentes áreas do conhecimento [...] e colaborar na sua formação continuada”. (LDB 9.394/96) sabemos que tal Lei é obrigatoriedade do estado, mas muitas vezes é falha, sendo assim é também uma busca do próprio professor que junto com o estado devem estar comprometidos com a qualidade da formação e do ensino.

Já o artigo 63, trata da necessidade de “programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis”. (LDB, 9.394/96 art. 63 inciso III) a fim de fomentar um paralelo permitindo o crescimento tanto do sujeito-professor quanto do seu aluno, mudando a realidade presente.

Podemos observar como a Lei garante muitos benefícios, entre eles o artigo 67 onde “Os sistemas de ensino promoverão a valorização dos profissionais da Educação...”(LDB, 9.394/96 art. 67). Ainda em seu inciso II “aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim” (LDB, 9.394/96 art. 67 inciso II), coisa que há pouco tempo vem sendo valorizado e implementado pelo poder público, mudando em nós profissionais/professores atuantes e comprometidos, a auto-valorização.

Analisamos que a Lei nos propicia condições legais para a busca de uma formação consciente e ampliada.

Ainda sobre a formação de professores Silva e Araujo (2005, p.5, apud HONORATO e BAUMER, 2010, p.4) quando dizem que “o processo formativo deverá propor situações que possibilitem a troca de saberes entre os professores,

através de projetos articulados de reflexões conjuntas”.

Sendo assim, varias são as ações de formação continuada acontecendo em prol da qualificação profissional do professor. Entre estas, a que acontece em Criciúma município de Santa Catarina – Brasil com professores de artes da rede Municipal de Ensino. Na qual, a sensibilização estética é o ponto auge da proposta, com isso podemos pontuar algumas contribuições desta para a ampliação do olhar estético/crítico do professor em formação.

Tal proposta pretende oportunizar experiências estéticas, que segundo Ostetto & Leite (2004, p.12) descrevem a importância de novos rumos para a formação, resignificando...

Uma formação na qual se possa ampliar olhares, escutas e movimentos sensíveis, despertar linguagens adormecidas, acionar esferas diferenciadas de conhecimento, mexer com o corpo e alma, diluindo falsas dicotomias entre corpo e mente, ciência e arte, afetividade e cognição, realidade e fantasia.

As autoras deixam claro o papel da formação na vida profissional e também pessoal do professor, apontam que se devem buscar fontes que permitam mergulhar, por águas novas e límpidas que possibilitem vivenciar, experienciar e experimentar despertando corpo e alma, e libertando de estereótipos permitindo ver e viver a arte em sua totalidade.

Para isso é importante estar ligado na busca de novas resignificações, é dessa forma que a formação privilegiará a ampliação do repertório estético do sujeito/professor, que ampliará seu olhar estético/crítico, produzindo e produzindo-se, descobrindo e descobrindo-se.

3 EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Segundo Marcos Villela Pereira (2004, p. 222) “Falar em educação estética significa falar em construção da subjetividade, em construção da ordem social por prática hegemônica”. Segundo o autor, a estética é parte integrante do real, da lógica, da construção do desenvolvimento das práticas exercidas pelos sujeitos. Sendo que subjetividade e estética coligam-se em sua totalidade, comungam no campo ideológico. Dispensam a neutralidade assumem sua produção e ou reprodução cultural e social.

A arte é parte integrante da sociedade desde os primórdios da civilização, sendo esta que já possuiu por muitas funções, em certos períodos ela “serviu” como registro do que se era vivido, em outro momento como detentor da beleza, do belo, já denunciou causas sociais, já foi tudo, mas também quase que foi nada..., muitas são e foram as funções e ainda não conseguimos defini-las criteriosamente, pois são inúmeras as definições dadas pelos artistas, críticos e curadores, a ainda pelos leigos e leigas no assunto.

Hoje a arte esta em um patamar voltado as tecnologias, muitas obras realizadas hoje são providas de tecnologias multimídias, acompanhando o que o momento histórico vem passando, pois uma coisa se conseguiu definir bem, a arte nunca em tempo algum esteve desvinculado ao que se era e é vivido. Ela sempre caminhou com a evolução humana.

Diante disto, podemos constatar na concepção de Vasconcelos e Sales (2006), no livro “Pensando com Arte”, que é impossível uma civilização sem arte e cultura. Quaisquer ações que realizemos no nosso dia-a-dia estão bombardeadas de produções artístico-culturais.

Nessa concepção de que a arte está imersa no nosso dia a dia, é que devemos estar em constante formação para também poder ampliar o olhar do outro. Duarte Jr. (2001) nos traz a fala pertinente à realidade, na quais obras de arte consagradas estão aos montes nos olhos e ouvidos dos educandos e também dos educadores, porém não trazendo sentido aos mesmos, sendo assim devemos mudar nosso modo de ver e sentir a arte a fim de insistir em uma educação do sensível;

Devendo se voltar primeiramente para o seu cotidiano mais próximo, para a cidade onde vivem, as ruas e praças pelas quais circulam e os produtos que consomem, na intenção de despertar sua sensibilidade para com a vida mesma consoante levada no dia-a-dia (DUARTE JR. 2001, p.25).

Duarte Jr. é categórico, quando nos inquieta pelas coisas que estão tão próximas de nós e aos montes e não nos damos conta... . Na correria do dia-a-dia não prestamos atenção ao corriqueiro, as imagens que nos são dadas pela mídia, pela cidade, pelos produtos que consumimos e pelos quais somos consumidos.

Pessi (2003, p.106) nos mostra que, o despertar estético é extremamente ligado ao nosso dia-a-dia; “ideais e algumas competências necessárias para orientar os processos artísticos e estéticos na educação escolar estão atrelados ao que é vivido” seja pelos professores seja pelos alunos. Percebemos assim que a vivência é fundamental para que juntos, professor e aluno, possam descobrir as amarras da criação estética. Cabe ao professor de arte estar envolvido, encantado, focado com o presente e com as experiências estéticas que o cercam.

Duarte Jr. (2002, p.38) nos orienta ainda, que é preciso não só refletir sobre a estética, mas sim vivê-la, nos mais profundos sentidos da palavra, para que se chegue ao verdadeiro desenvolvimento da sensibilidade.

Experiências as quais, diga-se logo, não se restringem a simples contemplação de obras de arte, seja ouvindo musica, seja assistindo a teatro ou frequentando museus. Elas devem, sobretudo, principiar por uma relação dos sentidos com a realidade que se tem ao redor, composta por estímulos visuais, táteis, auditivos, olfativos e gustativos. Há um mundo natural e cultural ao redor que precisa ser frequentado com os sentidos atentos, ouvindo-se e vendo-se aquele pássaro, tocando-se este outro animal, sentindo-se o perfume de um jardim florido ou mesmo o cheiro da terra revolvida pelo jardineiro, provando-se um prato ainda desconhecido etc.

O autor supracitado nos convida a adentrar num mundo extremamente sensível, no qual não basta passar por ele sem sentir, é necessário estar inteiramente imergido, comungando com a fala de Pessi (2003, p. 106-107), que também nos convida a essa viagem “É nesse experienciar o mundo, é nesse mundo vivido, é no olhar o movimento do mundo que o ser humano encontra as relações de sentido entre seus pensamentos e suas ações, tornando-se consciente”.

O ato de formação tomado pelo professor deve lhe direcionar o olhar, fazendo com que reflexões críticas sobre suas experiências aconteçam a fim de torná-lo não um mero espectador, mas em um exímio experimentador, um apreciador.

Não importando a que direção que se olha, pois cada indivíduo em formação a olhará a partir de suas relações com o momento vivido, pois sempre estaremos aprendendo com experiências e a ressignificando a partir de nossos referenciais.

Duarte Jr. (2001, p.22) nos faz entender as analogias existentes entre o experimentar sensações; “A vida cotidiana, com todo o saber nela encerrado e que a movimenta por entre as belezas e percalços do dia. A sensibilidade que funda nossa vida consiste num complexo tecido de percepções”.

Neste sentido, pode-se notar uma modalidade expressiva pautada pela qualidade sensível da informação captada pelo olhar condutor do professor em formação. Esta percepção captada pelo olhar estético/crítico do professor é bem representada pela fala de Pessi (2003, p. 107), que nos mostra uma forte ligação entre a educação escolar e a experiência pessoal do professor;

Por sabermos que não se vive arte, na produção ou na apreciação, sem as personalidades confirma-se, assim, a necessidade de experiências cotidianas, reflexivas e estéticas para o desenvolvimento de processos de arte na educação escolar.

A autora enfatiza a necessidade de vivenciar as experiências, tanto para o aluno como também ao professor em formação. “O sentido de vivenciar, de apropriação com a consciência, de interação, fazem a arte em produção à contemplação mexer com a existência de quem a produz ou contempla, professor ou aluno” (PESSI, 2003, p.107).

Podemos perceber claramente nas falas de Zeichner (1993, p.12, apud PESSI, 2003, p.109) que as experiências estéticas vivenciadas pelos professores contribuem na sua formação de sujeito crítico/estético quando:

As experiências com qualidades estéticas contribuem para a formação reflexiva de professores, que afirma: [...] pela formação reflexiva de professores passa uma parte significativa das apostas de mudança educacional, de melhoria da qualidade do ensino e de desenvolvimento de práticas educativas (pedagógicas, organizacionais, institucionais) que contribuem para uma maior igualdade e justiça social.

Podemos perceber que será a partir das experiências individuais e pessoais que tornará possível um avanço para um contexto mais amplo da sociedade.

Pois é através das vivências entre os distintos indivíduos componentes desta sociedade e de sua cultura que apresentamos as mais incríveis experiências de troca, de amadurecimento, de aperfeiçoamento crítico e social.

Assim como Pessi (2003, p. 109) acredito que “as experiências estéticas vividas pelos professores conduzem a reflexões existenciais e profissionais [...] e estas essenciais para o processo pessoal de fazer-se professor de arte”. Que refletirá na qualidade da educação dos meninos e meninas com os quais trabalham.

3.1 ESCOLA E ARTE

A importância que a arte ocupa na sociedade já é devida pela sua manifestação na vida das pessoas desde os primórdios da civilização. A arte se constitui nas distintas manifestações criativas e culturais do ser humano, a fim de contribuir com a interação deste com o mundo. Neste contexto, a educação é um dos campos que vem para mediar tais interações. Conforme Fusari e Ferraz (1993, p. 33);

A importância da arte na educação consiste em uma aprendizagem que acompanhe o desenvolvimento natural do aluno não só em seus aspectos intelectuais, mas também sociais, emocionais, perceptivos, físicos e psicológicos.

As autoras afirmam com esta fala, a estreita relação existente entre arte e vida, arte e sujeito em constante formação. Os meios culturais da sociedade influenciam o homem desde que ele nasce e é neste bojo que encontra-se a arte.

A importância da arte na educação é também apoiada na fala de Barbosa (BARBOSA apud FUSARI e FERRAZ, 1993, p.16) “A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção etc., mas tem importância em si mesma, como assunto, como objeto de estudos”. Com o estudo das artes e sua apreciação, a estruturação do senso estético acontece e assim, manifestações culturais como, músicas, histórias, imagens, teatros, contribuem para a formação do gosto pela arte, para a educação do olhar.

O ensino da arte propicia o desenvolvimento do potencial criativo, bem como, facilita a interação do indivíduo com o meio em que vive. Neste sentido, a Lei de Diretrizes e Bases trazem referências sobre o ensino da arte e suas transformações na nossa existência.

O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente: a arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, ser flexível. Isso quer dizer que, criar e conhecer são indispensáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender. (BRASIL, 1997, p.20-21)

Quanto mais a escola propiciar contato e interação do aluno e de seu professor com manifestações culturais e artísticas, com imagens e com o patrimônio artístico-cultural; quanto mais o olhar deles puder perceber a arte presente nas ruas, nas praças, na natureza e quanto mais dialogar com a produção da humanidade, mais autônoma e significativa será a manifestação expressiva do aluno e professor.

Pois a escola é lugar propício para a ampliação cultural e social, é através dela que muito se conquista. É nela que encontramos a disciplina de arte que mantém uma caminhada histórica cada dia mais importante, envolto em mudanças significativas, as quais se superam dia após dia, sendo isto fruto do processo de desenvolvimento e transformações, que permearam muitos momentos de transição e mudança da sociedade e principalmente dos meios de tecnologia.

Segundo Fusari e Ferraz (1999, p.19), “É na escola que oferecemos a oportunidade para que crianças e jovens possam efetivamente vivenciar e entender o processo artístico e sua história”.

A percepção das transformações ocorridas se dá pela sensibilidade estética que com o passar dos tempos vai se aprimorando pela busca de novas imagens, podendo perceber, que são capazes de desenvolver a sensibilidade e a criatividade através da compreensão da arte durante suas vidas inteiras.

As vivências trazidas pelos alunos e também por seus professores apontam para caminhos em que família e comunidade, ambas com suas culturas, crenças e costumes influenciam no desenvolvimento estético e sensível, com isso percebemos que são as imagens da publicidade, da televisão, da moda, do cotidiano que apresentam uma maior contribuição para a evolução estética/crítica dos envolvidos na educação escolar.

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais.

O homem que se desenhava em meio a bisões nas cavernas pré-históricas teve de aprender e construir conhecimentos. Muito se evoluiu daí então, pois os conhecimentos agregados ao longo dos milhares de anos deram ao homem a liberdade de expressão, de expor suas ideias, vontades, anseios que realizam e o tornam um ser pensante. Sendo assim, contamos com uma linear história da arte, na qual contextualizar as obras de arte no tempo e explorar suas circunstâncias sem querer mostrar a então chamada evolução das formas artísticas através dos tempos é papel importante ao professor propositor, àquele que deseja uma educação pelo sensível. Mostrando assim, que a arte não está isolada do cotidiano e da história pessoal de cada um. E também não está inteiramente desprendida da busca incansável do professor de ampliar seu olhar estético/crítico, a fim de proporcionar uma incansável “batalha” para o desprendimento do indivíduo, tornando-o um ser mais pensante, criativo, engajado na busca por perguntas e respostas para seus anseios e angústias...

Podemos comparar a escola a uma cidade, na qual, possui em suas mais distintas funções, sendo que todas tendem a estarem inteiramente ligadas, interligadas, pois há essa necessidade para o bom funcionamento, por isso, devem-se respeitar suas diferenças, seus limites, suas individualidades... .

Sendo a escola lugar de ampliação de repertório, de conhecimento mútuo, de convivências, pode afirmar que é absolutamente um espaço de cultura.

4 CULTURA E ARTE

Não há lugar melhor para o choque de conflitos do que a cidade. Ela é um lugar de linguagem e de representação. Na cidade se institui uma dimensão simbólica que assegura aos conflitos os quais ela produz o lugar onde se faz uma representação e, por consequência, uma interpretação. E é nessa cidade que encontramos uma hegemônica cultura.

A cultura da cidade repousa no reconhecimento dos habitantes uns com os outros, interagindo arte, cultura, política, economia... Sendo assim, a importância de propiciar momentos em que possamos efetivar nossa capacidade imaginativa e simbólica a partir do próprio contexto relacional, pois este seria:

O ponto de partida para o desenvolvimento estético e artístico é o ato simbólico que permite reconhecer que os objetos persistem independentemente de sua presença física e imediata. Operar no mundo dos símbolos é perceber e interpretar elementos que se refere a alguma coisa que está fora dos objetos. Os símbolos representam o mundo a partir das relações que a criança estabelece consigo mesma, com as outras pessoas, com a imaginação e com a cultura. (BRASIL, 1997: 91).

Podemos perceber que é a partir das vivências trazidas pelos distintos sujeitos de uma cidade que se estabelecem as relações entre suas culturas. Pois cada um traz sua individualidade e une a do outro, tal indagação é clara, e especificada na citação acima. Ao darmos uma simples volta no quarteirão de uma cidade ou bairro, ou até mesmo ao ligarmos a TV, rádio, computador, nos deparamos com inúmeras imagens e sons, produzidos por artistas inseridos nessa cultura hegemônica. Cultura essa que é híbrida, que dispensa padrões, que une e dispersa, que torna nossa cultura tão rica e ao mesmo tempo pobre. Que em meio a era da tecnologia, internet, celulares, televisão, muitos sites e programas estão relacionados com as questões da diversidade cultural e sua dissipação.

Como podemos ver no relato feito por Cardoso e Muzzeti que nos relaciona alguns programas tele visíveis;

Tais como a TV Escola, a TV Cultura e Arte. Dois programas de ensino a distância foram precursores do TV Escola: o projeto Ipê, que através da TV Cultura, e "Um Salto para o Futuro", da TV Educativa do Rio de Janeiro. Os projetos de informatização das escolas, capacitação de professores e uso do ensino a distância são alguns passos importante para o destino futuro da cultura (CARDOSO e MUZZETI, 2010).

A arte e cultura são tão presentes no nosso cotidiano que muitas vezes não nos damos conta de nossas escolhas estéticas corriqueiras, ou seja, as nossas atitudes diárias (comer, vestir, pentear os cabelos, ouvir músicas) são baseadas em processos artísticos, na qual a produção do artista não é meramente material assim como não é pura produção espiritual, uma está ligada à outra.

As corriqueiras faces que o individuo transporta se dá pela associação de sua identidade em culminância com a dos outros, sendo que Stuart Hall (2005, p.13) nos reporta as questões da identidade nesse nosso milênio, “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”.

Não se pode mais afirmar que as culturas são puras, sem interferências de outras. Como não só a identidade sofreu mudanças, mas também a posição da arte e do artista, juntamente com o modo de vida da civilização ocidental a partir do séc. XIX, através da tecnologia industrial.

Independente das contradições que existem na história da arte, em relação ao trabalho artesanal e o industrial, acerca do conceito de arte, hoje muitas das linguagens artísticas apresentadas são na maioria das vezes produções ligadas a vida cotidiana do ser humano social.

Os conteúdos que a arte atual abrange, tem como finalidade fazer com que todas as pessoas tenham acesso à arte e a cultura, não apenas nos museus como ocorria há pouco tempo atrás. Mesmo assim podemos considerar que a arte exposta nos museus nasce da necessidade de comunicar algo ao espectador e espera-se que todos tenham a capacidade de decodificar tais signos, comuns nas sociedades. Diante dessa argumentação percebe-se que a arte está sempre ligada ao vivido.

Esta visão também deve estar permeando a educação, pois é através dela que muitos educandos têm acesso a meios culturais, podemos ver claro na fala de Duarte Jr (1981, p. 16).

A própria educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer.

A cultura trazida pelo aluno ou pelo professor em formação deve prevalecer como propulsora para a criação, para a ampliação do repertório

estético/crítico, pois através do que conhecemos e apresentamos sentimos confiantes e impulsionados para novos desafios.

Conforme apresenta Peixoto;

Como todos os demais produtos da criação humana, a arte é imanente ao social; nasce na e para a sociedade. Daí que o extra artístico não existe como um elemento estranho que a afeta: “o estético, tal como o jurídico ou o cognitivo, é apenas uma variedade do social”. Como forma de comunicação estética fixada numa obra, ela é inteiramente única e irredutível a outros tipos de comunicação ideológica. [...] Esta forma de comunicação não existe isoladamente; ela participa do fluxo unitário da vida social, ele reflete a base econômica comum. (PEIXOTO, 2005, p.157)

Por mais que uma produção artística revele formas de pensar, sentir de quem a fez, no caso o artista, esta obra não deixará de ter seu papel social, pois ela apresenta visões de mundo presentes na cultura e na sociedade. Dentro da concepção de Peixoto;

Daí que, ao se interpretar a arte como produto do trabalho humano, como criação humana – que desempenha, por conseguinte, uma função social -, torna-se certa manifesta que o objeto de arte esteja comprometido com a realidade histórica e que contenha ou transpareça posições de seu criador frente a ela. (PEIXOTO, 2005, p.158)

As relações que se tem com obras de arte muitas vezes são com as que se encontra em museus, galerias, repartições e praças públicas, esquecemos das tantas anônimas que nos rodeiam, em outdoor, vitrines, túmulos, feiras e propagandas. As que estão em cinemas, teatros, na TV e no rádio.

Passa-se por muitas delas todos os dias, sem vê-las, pois não se tem a intenção de procurá-las e percebê-las.

Assim, pode-se dizer que o homem e sua arte caminham juntos e, através da união de sua história é que se pode conhecer sua cultura.

5 LINGUAGENS DA ARTE

Muitas são as linguagens artísticas que comungam sua arte, sendo elas; a linguagem Visual, Teatral, Musical, a Dança,... . Com elas partilham pontos em comum, na qual todas expressam cultura.

Os PCNs apresentam em seus escritos descrições sobre as distintas linguagens sendo elas verbal, musical, matemática, gráfica, plástica e ou corporal — “tendo como objetivo produzir, expressar e comunicar suas ideias, interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação”. (BRASIL, 1998, p.6 -7)

Pode-se perceber que é crucial a fruição das produções culturais existente em nossa sociedade, a fim de tornarmos exímios vivenciadores, podendo ter opinião crítica e expressiva dos inúmeros apelos artísticos e culturais produzidos pelas diversificadas culturas existentes em nosso meio. Pois a identificação e visualização das transformações causadas por essa miscigenação, mostra as transformações também ocorridas na sociedade atual, pois ela não se apresenta somente nas obras de arte, mas sim em inúmeras outras formas de manifestação.

O entendimento acontecerá a partir do momento em que o professor em formação, ciente de seu papel, se ponha como possibilitador do ensino e buscar o entendimento fazendo relação com o que é vivido pelo educando.

Como se pode perceber no trecho trazido no PCNs Arte, a importância de estudar e ensinar as diferentes linguagens.

[...] a arte nem sempre se apresenta no cotidiano como obra de arte. Mas pode ser observada na forma dos objetos, no arranjo de vitrines, na música dos puxadores de rede, nas ladainhas entoadas por tapeceiras tradicionais, na dança de rua executada por meninos e meninas, nos pregões de vendedores, nos jardins, na vestimenta etc. O incentivo à curiosidade pela manifestação artística de diferentes culturas, por suas crenças, usos e costumes, pode despertar no aluno o interesse por valores diferentes dos seus, promovendo o respeito e o reconhecimento dessas distinções. Ressalta-se, assim, a pertinência intrínseca de cada grupo e de seu conjunto de valores, possibilitando ao aluno reconhecer em si e valorizar no outro a capacidade artística de manifestar-se na diversidade. (BRASIL, 1998, p.62)

Com tanta diversificação de assuntos, conteúdos, histórias e disciplinas, é que a arte tem um papel importante na construção do senso crítico e principalmente

sensível do educando, pois é através das manifestações culturais e sociais que se estabelece o caráter dos indivíduos incluídos na sociedade.

Pode-se perceber que ao entorno desta massificação cultural, as diferentes linguagens aparecem e a primeira que traz-se as Artes Visuais onde não só estão as pinturas, os desenhos, objetos, esculturas, a própria arquitetura existente na cidade, mas sim encontramos inúmeros avanços tecnológicos e estéticos como vimos no trecho trazido pelo PCNs – “fotografia, moda, artes gráficas, cinema, televisão, vídeo, computação, performance, holografia, desenho industrial, arte em computador” (BRASIL, 1998, p. 63) tais progressos aceleram a autonomia crítica desenvolvida tão rapidamente pelos usuários e ou espectadores destas novas formas de manifestação da arte, cabendo ao professor um discernimento, um envolvimento estético cada vês mais aprofundado, pois é vivenciando diferentes linguagens que se melhor as entende.

Sendo assim percebe-se que a multimídia, a performance, o videoclipe e o museu virtual são alguns dos valiosos exemplos em que a imagem visual integra-se ao texto falado/calado, ao som e espaço, tornando cada vez mais prazeroso ou não, estimulante ou não, instigante ou não pois, a arte ainda (cada vez mais) desperta os mais sensíveis sentidos/sentimentos.

Os PCNs descrevem a linguagem da Dança como algo que não necessariamente necessita de corpos físicos para desenvolver tal linguagem, pois dispõe-se da tecnologia a favor, sendo que ela permite adentrar em outros *corpos*¹.

Na sociedade contemporânea, não se pode tampouco ignorar a presença da dança virtual, que se relaciona com os corpos físicos de maneira totalmente distinta da dos antepassados. Assim, não se tem, necessariamente, um corpo que se movimenta no tempo e no espaço sempre que se dança. Em suma, sempre se aprende, formal e/ou informalmente, como, por que e quando se movimentar e transformar esse movimento em dança.

Dessa forma, a escola pode desempenhar papel importante na educação dos corpos e do processo interpretativo e criativo de dança, pois dará aos alunos subsídios para melhor compreender, desvelar, desconstruir, revelar e, se for o caso, transformar as relações que se estabelecem entre corpo, dança e sociedade. Nos terceiro e quarto ciclos, essa função da escola torna-se ainda mais relevante, pois os alunos já começam a mais claramente tomar consciência de seus corpos e das diversas histórias, emoções, sonhos e projetos de vida que neles estão presentes (BRASIL, 1998, p.71-72).

¹ Grifo meu.

É importante que cada sujeito possa se compreender melhor a fim de poder entender o outro que o cerca, que também é diferente, e que compreende as coisas a sua maneira, assim o papel da linguagem da Dança se torna importante no desenrolar das aulas de arte, pois ela é uma linguagem que desperta os sentidos dos que estão ou não envolvidos no ato de dançar...

Pois como traz a frase “corpo é conhecimento, emoção, comunicação, expressão. Ou seja, o corpo somos nós e nós somos o nosso corpo. Portanto, o corpo é a nossa dança e a dança é o nosso corpo” (BRASIL, 1998, p. 72).

Percebe-se na Dança uma forte ligação com a linguagem da Música, que é uma explosão de ritmos e melodias que classifica e distingue grupos, que são percebidos nas identificações de estilos musicais, sendo estes; rock, pop, rap, sertanejo, pagode, dance e muitos outros que surgem com as transformações da sociedade.

Percebe-se em âmbito geral no país, que muito se desenvolveu a música em eventos culturais promovidos pelo poder público. Esse papel também pode ser desenvolvido nas escolas a fim de desenvolver o senso estético e musical dos alunos, professores e comunidade.

Estabelecendo relações com grupos musicais da localidade e da região, procurando participar em eventos musicais da cultura popular, shows, concertos, festivais, apresentações musicais diversas, a escola pode oferecer possibilidades de desenvolvimento estético e musical por meio de apreciações artísticas. Várias manifestações musicais, tais como os movimentos que têm vigorosa mistura entre som internacional e os ritmos locais permitem sentir e refletir sobre suas respectivas estéticas, percebendo influências culturais de várias ordens e a presença da cultura oral (BRASIL, 1998, p.79).

Os inúmeros avanços da tecnologia mexem com todas as linguagens e não seria diferente com a Música, pois essa ganhou aliados tecnológicos para tornar cada vez mais precisas a produção e a fabricação de instrumentos eletroacústicos.

Neste século, com os avanços da eletrônica refletindo-se na fabricação de novos instrumentos e equipamentos para produção sonora, o surgimento de novas linguagens musicais e respectivas estéticas refletem-se na criação de diversas técnicas de composição (BRASIL, 1998, p.80).

Unido à linguagem Musical e da Dança podemos perceber que a linguagem Teatral apropria-se muito de diversas linguagens, para proporcionar belíssimos espetáculos, pois este faz com que se conheça se observe e se

confrontem diferentes culturas em diferentes momentos históricos, possibilitando a formação de pesquisadores em busca de “soluções criativas e imaginativas na construção de cenas, os alunos afinam a percepção sobre eles mesmos e sobre situações do cotidiano” (BRASIL, 1998, p.88).

A linguagem teatral na escola possibilita a reflexão sobre problemas, tentados pela necessidade de narrar, contar, descrever fatos e ainda representá-los por meio da ação dramática. Rituais de diversas culturas e tempos são dramatizados pelos atores em cena, sendo assim colocam as mais profundas vontades de manifestação da cultura local, ou não, dizendo respeito à necessidade humana de recriar a realidade em que vive e transpõem seus limites.

O teatro no espaço escolar deve considerar a cultura dos adolescentes/jovens, propiciando informações que lhes dêem melhores condições nas opções culturais e na interpretação dos fatos e das situações da realidade com a qual interagem. (BRASIL, 1998, p. 89)

O Teatro, assim como as outras linguagens também propiciam aos expectadores e ou atuantes, um forte desenvolvimento crítico/estético e sensível. Propiciando uma maior atuação na sociedade, desenvolvendo cada vez mais o perfil e o nível da cidade.

6 METODOLOGIA

A proposta desta pesquisa é a de trazer à tona posicionamentos sobre a importância das experiências estéticas vivenciadas pelos professores para uma formação de sujeito crítico-estético.

A pesquisa possui abordagem qualitativa, sendo que buscam entender a singularidade dos dados. Seus procedimentos técnicos visam os caminhos bibliográficos e de campo, que norteiam discussões entre os autores e os pesquisados no campo, confrontando dados para uma análise qualitativa.

Esta pesquisa tem como objetivo a familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e buscando prováveis resoluções.

A pesquisa buscou dialogar com algumas das muitas Professoras de Artes envolvidas na formação continuada disponibilizada pela Prefeitura Municipal de Criciúma, das quais algumas possuem habilitação em Artes Visuais, outras em Artes Plásticas e todas atuam como educadoras no município de Criciúma há mais de três anos. Estas encontram-se uma vez por mês na UNESC², onde são recebidas pelos profissionais do curso de graduação em Artes Visuais, que evidenciam teorias e atividades envolvendo as linguagens artísticas. Acreditam que por meio dessas pode-se adentrar nos campos da arte por meio dos diversos sentidos e sentimentos humanos ampliando o olhar e o senso estético.

Este projeto de formação continuada de educadores foi possível pela luta dos profissionais da educação que acreditam na valorização profissional por meio da qualificação. Dessa forma a Prefeitura juntamente com a UNESC, puderam dar forma e cor a este grande investimento na área da educação como um todo, pois esta não acontece somente para os profissionais de Arte, mas sim a todos os campos da educação.

Esta formação iniciou-se em agosto de 2009, pela parceria firmada entre UNESC e a Prefeitura Municipal de Criciúma. Um dos grandes objetivos dessa formação era o de colocar em prática a Proposta Curricular do Município que havia sido construída no coletivo há dois anos atrás e se mantinha só no papel. O grupo de formadores, a partir de um diagnóstico amplo e interativo, iniciou os estudos do

² Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Universidade que possui acordo de formação continuada com todos os grupos de professores da Prefeitura de Criciúma – Santa Catarina, Brasil.

documento e suas possibilidades de transposição didática. A partir desta busca pelo entendimento das dificuldades trazidas e relatadas pelos professores, aqui em particular os de Artes, pode-se iniciar uma conversa sobre o porquê ensinar e aprender arte. Arte para que?

Muitas foram às discussões a partir destes posicionamentos, muitas foram às paradas para olhar e olhar de novo, olhar devagar para poder adentrar no caminho traçado pelos mediadores da formação a fim de fazer com que acontecesse a ressignificação.

As propostas de trabalho foram as mais diversificadas possíveis, teve-se música, trechos de filme e ou documentários, palavras significantes que fizeram borbulhar sentimentos e sensações, ainda produção artística, construção de propostas e projetos de trabalho, elaboração de textos que fizeram provocar à escrita, em fim a proposta de formação explorou todos os sentimentos, todos os sentidos despertando a sensibilidade.

A análise dos dados recolhidos para essa pesquisa se deu por meio da verificação de textos produzidos por algumas das professoras em formação. Os relatos das professoras mencionadas terão suas identidades numeradas, pois o que está sendo visado não é quem falou, mas sim o que foi dito e evidenciado por elas.

7 ANÁLISE DOS DADOS

Aqui vou trazendo as falas das professoras e dos autores fazendo um paralelo das muitas falas mencionadas por eles ao longo do estudo.

As inquietações relatadas proveem da minha angústia como professora propositora na escola onde atuo, pois muitas vezes somos testados, prensados, amarrados, somos forçados a buscar alternativas para os inúmeros problemas e dificuldades encontrados no nosso dia-a-dia, com crianças e adolescentes que diversas vezes não estão totalmente dispostos a adentrar em nossas proposições.

Surgem então os caminhos adversos, que nos fazem traçar retas e curvas a fim de novas alternativas, para a efetivação de nosso trabalho.

Posso relatar inúmeras experiências frustrantes e outras plausíveis de elogios ao efetivo reconhecimento do aluno em alcançar os objetivos traçados e almejados.

Muitas vezes o reconhecimento do trabalho não ocorre pela falta de sensibilidade de muitos professores e diretores que ainda não compreendem o papel do professor de Artes nas escolas de nossa cidade, estado e país. Já houve um tempo em que as aulas de arte existiam meramente para criar janelas às aulas desgastantes, ou para que os professores pedagogos pudessem dispor de suas horas livres. Hoje, o compromisso com os educandos é o de ampliar seu olhar crítico, para isso precisa-se de professores/profissionais engajados e motivados para a realização de atividades que propiciem momentos de descoberta e de vivência mútua.

Esse olhar de preocupação é percebido na Secretaria de Educação do Município de Criciúma que disponibiliza aos seus profissionais a formação mensal, a fim promover que vivenciem, sintam, troquem experiências e sensações, angústias, frustrações e acima de tudo alegrias de poder repensar as atividades que de fato deram certo. Pessi (2003) fala que devemos vivenciar, pois é vivenciando que desenvolvemos nossas competências necessárias para orientar as produções artísticas e estéticas na educação escolar.

As atividades desenvolvidas pelos profissionais da UNESCO são criteriosamente pensadas para o desenvolvimento da capacidade crítica dos professores, de forma que estes participem efetivamente das descobertas e das

novas possibilidades de vivenciar, de sentir, de experimentar. Duarte Jr. (2002) nos mostra em sua fala que devemos “não só refletir sobre a estética, mas sim vivê-la, nos mais profundos sentidos da palavra, para que chegue ao verdadeiro desenvolvimento da sensibilidade”. Sendo assim cabe ao grupo, analisar os resultados nas próprias formações, visto que é importante esta parada para as discussões, pois, é com elas que visualiza-se as dúvidas e frustrações diárias, e aprende-se a superá-las.

Tais atividades envolvem todas as linguagens artísticas, vistas nos PCNs que são importantes e necessárias, pois estas dão a noção de que de fato colaboram para uma melhor qualidade da formação. Podemos complementar ainda com Pessi (2003, p. 106-107), que “é nesse experienciar o mundo, é nesse mundo vivido, é no olhar em movimento que o ser humano encontra as relações de sentido entre seus pensamentos e suas ações, tornando-se consciente”.

A fala de uma das professoras em formação deixa claro que a correria do dia a dia, dificulta esse vivenciar por parte dos professores:

*Muitas das vezes não conseguimos envolver os alunos, que estão muito mais ligados nas ondas dos rádios e das TVs.*³

Vimos claramente nas formações que é importantíssimo vivenciar, experimentar, trocar ideias em fim ampliar o olhar, assim Pessi (2003, p.109) nos relata que “as experiências estéticas vividas pelos professores conduzem a reflexões existenciais e profissionais [...] e estas essenciais para o processo pessoal de fazer-se Professor de Arte”.

Pode-se perceber ainda na fala da professora 2 que:

*Estes encontros foram e são de certa forma, combustíveis para nosso cotidiano, buscando um comprometimento com o ensino e com a metodologia, valorizando a individualidade, organizando conceitos e definindo identidades, nos encaminhando para um amadurecimento de valores tornando-nos professores propositores de fazeres e saberes*⁴.

³ Fala da professora 1

⁴ Fala da professora 2

Percebe-se a força que tem estes encontros, que são de extrema importância para a qualificação profissional de qualquer área, principalmente a da educação que tanto está presente nas diversas áreas do conhecimento, pois é a partir da educação, da ampliação do repertório crítico e estético que todos se “formam”⁵, seja médico, advogada, cientista..., em fim, todos dependem de nós professores bem preparados para dar o suporte necessário para o sucesso de todos.

A arte dá suporte para o processo criativo e crítico, seja pela Dança, Música, Artes Cênicas, Artes Plásticas. Cabe ao professor explorar essa experiência estética junto com os alunos. Pois segundo Buoro (1998, p.33) “ao expressar-se por meio da arte, os alunos manifestam seus desejos, expressam seus sentimentos, expõem enfim, sua personalidade”.

Acreditando que a formação continuada do ano de 2009 propiciou estas experiências salienta a professora 3 e 9;

Deixando claro que as diversas linguagens propiciam diferentes olhares a elas, disponibilizando também aos alunos uma visão mais ampla⁶.

Os encontros são bem inteligentes, dinâmicos, deixam sempre uma “pulguinha” atrás da orelha, ampliam nossos olhares, modificam nossos sentidos. Nas poucas aulas que participei trabalhei com as diversas linguagens, lembro do primeiro encontro que eu vim, que “ouvimos de verdade” não lembro de ter feito isso outra vez na vida⁷.

Ainda sobre a troca de experiências entre os professores e conseqüentemente com os alunos a fala da professora 4 em culminância com Fusari Ferraz (1993, p.33), deixa clara a importância da arte na educação sendo que “consiste em uma aprendizagem que acompanha o desenvolvimento natural do aluno não só em seus aspectos intelectuais, mas também sociais, emocionais, perceptivos, físicos e psicológicos”. Pois;

⁵ Grifo Meu

⁶ Fala da professora 3

⁷ Fala da professora 9

Estas trocas são importantes para nossa própria cultura, pois vivemos numa sociedade muito eclética, onde gostos, costumes, crenças, raças, precisam ser respeitadas e nós Professores de Artes, precisamos saber nos posicionar em sala de aula, para tornarmos nossas aulas um espaço de cultura⁸.

Vimos também na fala de Duarte Jr. (1981, p.16) que “a educação possui uma dimensão estética: levar o educando a criar os sentidos e valores que fundamentem sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência, harmonia, entre o sentir, o pensar e o fazer”.

Somos parte de uma sociedade cheia de confrontos, descobertas e saberes diferentes onde diferentes maneiras de aprender passam por nossas mãos diariamente, cabe a nós como chegar nesses alunos com o ensino da arte. Mostrando que a arte é importante e que com a sensibilidade podemos mudar o ser humano. Humanizar a sociedade capitalista e tecnológica, onde a simplicidade de um olhar para o ser humano pode fazer a diferença⁹.

Essa diferença é vista e vivenciada na formação de professores, onde Silva e Araujo, (2005, apud HONORATO e BAUMER, 2010, p.04) dizem que “o processo formativo deverá propor situações que possibilitem a troca de saberes entre os professores, através de projetos articulados de reflexões conjuntas”.

Na fala de mais professoras em formação é clara essa preocupação com a troca;

Entendo como necessária para qualquer profissional, que em seu trabalho esteja envolvido com a formação de cultura, a busca por atualização e o aperfeiçoamento constante, visando ampliação do olhar, sobre o que se faz e o que esta sendo feito no mundo¹⁰.

A questão levantada pelas autoras Honorato e Baumer (2010) também e

⁸ Fala da professor a 4

⁹ Fala da professora 5

¹⁰ Fala da professora 6

vista na fala da professora 5 e 7;

As experiências e trocas de atividades foram muito importantes para a ampliação do olhar quanto mediador do conceito e processo cultural e metodológico do ensino da Arte¹¹.

Trocamos experiências, dialogamos, vivenciamos situações que nos fizeram ampliar nosso olhar acerca do ensino da arte¹².

Pessi (2003, p.107) nos mostra uma forte ligação entre as experiência pessoal do professor e a educação escolar; “por sabermos que não se vive arte, na produção ou na apreciação, sem as personalidades confirma-se, assim, a necessidade de experiências cotidianas, reflexivas e estéticas para o desenvolvimento de processos de arte na educação escolar”.

A autora enfatiza a necessidade de vivenciar as experiências, tanto para o aluno como também ao professor em formação.

Com isso a cada dia de nossos encontros, a ideia de que a arte é, e deve ser vista e tratada como área de conhecimento foi reforçada com muita segurança. Demonstrando que só assim ampliaremos a formação artística e estética de nossos amados alunos – ampliando seu olhar sobre o mundo de tal forma, que os levará cada vez mais a criação de repertórios próprios e essenciais para as suas produções, criações e percepções¹³.

Podemos perceber claramente nas falas de Zeichner (1993, p.12, apud PESSI, 2003, p.109) que as experiências estéticas vivenciadas pelos professores contribuem na sua formação de sujeito crítico/estético quando: “Formação reflexiva de professores passa uma parte significativa das apostas de mudança educacional, de melhoria da qualidade do ensino e de desenvolvimento de praticas educativas (pedagógicas, organizacionais, institucionais) que contribuem para uma maior igualdade e justiça social”.

¹¹ Fala da professora 5

¹² Fala da professora 7

¹³ Fala da professora 8

Nos encontros pude perceber os diferentes olhares e formas de pensar e ver a arte. De como tudo é um processo de aprendizado, assim como os nossos alunos, aprendemos no dia a dia e com as experiências¹⁴.

Sendo assim pude perceber nas falas impressas dos autores e pesquisadas que é importante vivenciar experiências estéticas a fim de ampliar o olhar estético/crítico do professor de Artes.

¹⁴ Fala da professora 10

8 CONCLUSÃO

É findado o momento, em que se necessita de uma pausa nas discussões a fim de agregarmos forças para prosseguir, tomar certo distanciamento crítico, para que possamos rever ideias, conceitos e concepções.

O próprio texto necessita de um ponto, necessário para a organização. Por isso ao invés de concluir, faremos uma pausa momentânea, pois tal parada organizará novas indagações, mostrará novos caminhos, criará novas ideias.

Assim podemos notar a importância da formação do professor em mediante as mudanças que ocorrem dia após dia na sociedade, no mundo e na Arte. Não podemos nós professores de arte estar estanques, imóveis, tão pouco desconectos das transformações tecnológicas que nos bombardeiam diariamente e sem medir esforços, mas devemos estar em constante busca, em crescente formação.

Sendo assim nesta busca incessante pelo saber, organizamos nossos pensamentos ao que nos propomos a discutir neste pequeno estudo, haja vista, a fala de estudiosos que nos levam a acreditar que é possível uma educação estética através da formação de professores, pois acredita-se que é vivenciando primeiramente que poderemos despertar tal sensibilidade em nossos educandos, proporcionando uma melhor qualidade do ensino/profissional do sujeito/professor.

Assim pode-se pensar a educação estética trabalhada nas formações continuadas como propulsora para o desenvolvimento cultural, compreendendo e aceitando de forma mais ampla as diversidades culturais existentes, possibilitando que reconheçamos a nós mesmos enquanto sujeitos de e da cultura, produtores e apreciadores dela.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais**. Brasília: MEC/SEF, 2009.

_____, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional, Lei nº. 9.394 de 20 de Dezembro de 1996**. Brasília: MEC/SEF, 1996.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o Ensino da Arte**. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

CARDOSO, Sônia Maria Vicente & Muzzeti, Luci Regina. **As Dimensões da Diversidade Cultural Brasileira**. Acessado em, 14 /08/2010 – 12:34 Disponível em: <<http://200.145.78.103/iberoamericana/article/view/451/330>>

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. Educação Estética, ou a educação (do) sensível. In. **Anais do 16º Seminário Nacional de Arte e Educação**. FUNDARTE/RS. Outubro de 2002.

_____, João-Francisco. **Fundamentos Estéticos da Educação**. São Paulo: Cortez: autores associados; Uberlândia, MG: Universidade de Uberlândia, 1981.

_____, João-Francisco. **O sentido dos Sentidos: a Educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2001.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T. & REZENDE e FUSARI, Maria F. de. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**/Stuart Hall; trad. Tomaz Tad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 10 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HONORATO, Aurélia R. S. BAUMER, Édina R. Educação Estética: uma proposta de formação continuada para professores de arte. **ENCONTRO DE PESQUISA EM**

EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL – ANPED SUL, VIII, 2010, Londrina. Anais...
Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2010.

OSTETTO, Luciana Esmeralda e LEITE, Maria Isabel. **Arte, Infância e formação de professores: autoria e transgressão.** Campinas, SP: Papyrus, 2004.

PEIXOTO, Maria Inês Hamann. **A Arte no Cotidiano, Consciência e Autoconsciência.** III Fórum de Pesquisa Científica em Arte, Curitiba, 2005.

PEREIRA, Marcos Villela. Educação Estética e interdisciplinaridade. In CORRÊA, Ayrton Dutra. **Ensino de artes: múltiplos olhares.** Ijuí, RS: UNIJUÍ, 2004.
Perspectiva, 2001.

PESSI, M^a Cristina Alves dos Santos. Experiências Estéticas: Constituindo-se professor de arte. In MEDEIROS, Maria Beatriz de. **A arte pesquisa.** Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Reflexão em Paulo Freire: uma contribuição para a formação continuada de professores.** V Colóquio Internacional Paulo Freire, 2005.

VASCONCELOS, Jose Geraldo (Org.). **Pensando com arte.** Fortaleza: Edições UFC, 2006. 212p.

REFERÊNCIA COMPLEMENTARES

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e Mudanças No Ensino da Arte**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____, Ana Mae. **A imagem no ensino da Arte**. 4a edição. São Paulo:

_____, Ana Mae. **A Imagem no Ensino da Arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

CAMPOS, Neide Pelaez de. A Construção do olhar estético-crítico do educador. In: _____ **A Construção do olhar: Uma proposta pedagógica**. Florianópolis: Ed. da UFSC: 2002. P. 103-160.

CINTRÃO, Telma de Oliveira. **A Arte no Cotidiano – o Cotidiano na Arte**. Acesso: 13/07/2009 – 15:22 Disponível em: <http://www.defatima.com.br/site/conteudo/novidades/artigotelma.htm>

CRICIÚMA, Secretaria Municipal de Educação. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Criciúma: currículo para a diversidade, sentidos e práticas**. Criciúma, SC, 2008.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

DUARTE JUNIOR, João-Francisco. **Por que Arte-Educação?**. Campinas: Papirus, 1985.

EMBACHER, Airton. **A moda e Identidade: Construção de um Estilo Próprio**. São Paulo: Anhembi Morumbi, 1989.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio: O Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2005.

FERREIRA, Sueli. **O Ensino das Artes**. São Paulo: Papirus, 2001.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte; Brasília: Ed UFMG; UNESCO, 2003.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de Aprender Arte**. Porto alegre: Artmed. 1999.

JANSON, H.W. e Antony E. **Iniciação a História da Arte**. São Paulo: Martins fontes, 1996.

MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos arte: 801 definições sobre e o sistema da arte**. Rio de Janeiro: Record, 1998

OLIVEIRA, M. O. De (Org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, F. **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

OSTROWER, F. **Acasos e Criação Artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

PAYRESON, L. **Estética: Teoria da Formatividade**. Petrópolis: Vozes, 1993.

PILLAR, Analice D. (org). **A Educação do Olhar no Ensino das Artes**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2004.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLDAO, Carlos Fernandez; LUCIO, Pilar Batista. **Metodologia da Pesquisa**. 3 ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANCHES, Vasquez A. **Convite a Estética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SANTA CATARINA, SECRETARIA DO ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, Disciplinas Curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SCHULTE, Neide Köhler. A Importancia do Ensino da Arte para a Moda. In: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte (org). **Reflexões sobre o Ensino das Artes**. Joinville, SC: Univille, 2001. p.100-111.

ZANELLA, Andrea Vieira (Org.). **Educação Estética e Constituição do Sujeito: Reflexões em Curso**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007.

